

**COSTA; Adrian Couto <sup>1</sup>, SILVA; Carlos Alberto de Figueiredo e<sup>2</sup>**

## RESUMO

A “crise do fordismo”, nos anos 70, têm diversos motivos. Neste período vemos cada vez mais evidente a incapacidade do fordismo e do keynesianismo de conter as contradições inerentes ao capitalismo. Na superfície, essas dificuldades podem ser mais bem resumidas por uma palavra: rigidez. Assim, uma vez que o mercado não comportava níveis de produção fixos, houve problemas no investimento de produção massiva e em longo prazo. O objetivo do presente trabalho é explicitar os desafios dos novos espaços industriais em um mundo cada vez mais integrado e competitivo. Para isso foi feita uma extensa revisão bibliográfica e estudos de campo com importantes atores da iniciativa privada e do setor público. Com as mudanças que ocorreram no final do século XX, sempre que o capital tentava encontrar saídas para a crise esbarrava na estrutura rígida keynesiana. Não seria possível pensar o capitalismo Keynesiano/Fordista e o desenvolvimento econômico sem o suporte funcional que o Estado dá a reprodução social. Assim, a sociedade passa, com cada vez mais força, a depender de regras e normas institucionais. O mercado perde espaço para um arcabouço jurídico e a reprodução do capital se vê politizada. O grande problema desta realidade contemporânea é que ela cria a necessidade do grande capital se organizar de forma diferente, pois o processo passa a incorporar diferentes atores sociais oriundos da sociedade civil organizada. Assim, a sociedade passa, com cada vez mais força, a depender de regras e normas institucionais. O grande problema desta realidade contemporânea é que ela cria a necessidade do grande capital se organizar de forma diferente, pois o processo passa a incorporar diferentes atores sociais oriundos da sociedade civil organizada. A primeira mostra que a atual conjuntura cria a possibilidade de reconstituição das relações de trabalho e dos sistemas de produção em bases sociais e econômicas inteiramente novas. Cita-se a “3ª Itália” como exemplo de uma nova organização, onde cooperativas de trabalho descentralizam o comando/controle e podem se integrar com sucesso às formas dominantes de capital. Esta visão pode trazer algumas pistas sobre a atual situação, pois há um aumento do interesse nos pequenos negócios e há, também, mudanças no mundo do trabalho, como precarização, baixos salários e informalidade. Uma segunda visão vai dizer que o capitalismo sempre buscou uma maior agilidade e que as mudanças ocorridas são fracas ou insuficientes para apontar para uma mudança significativa. Não podemos concordar com estas afirmações, pois as mudanças no mundo do trabalho e a subordinação do sistema à forma mais avançada do capital – o capital financeiro coordenado globalmente – são por demais fortes para não vermos uma mudança real no capitalismo. A terceira posição caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos. Mas não é só isso, pois há novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. Acumulação flexível, assim, é a nova maneira encontrada pelo capitalismo para superar suas crises cíclicas e suas contradições internas e, dessa forma, permitir a reprodução do capital.

**PALAVRAS-CHAVE:** Espaços industriais, Acumulação Flexível, Economia Regional, Desenvolvimento Regional

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, [adrian.advogado@gmail.com](mailto:adrian.advogado@gmail.com)

<sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, [carlos.figueiredo@ucp.br](mailto:carlos.figueiredo@ucp.br)

